

Documento de Registro de Entrevista para o site de MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Chafic Balura

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

São José do Rio Preto

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral Temática

Entrevistadora: Jurema Rodrigues

Instituição: Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (098)

Entrevistada: Chafic Balura

Pesquisadora: Jurema Rodrigues

Elaboração do roteiro da pesquisa: Jurema Rodrigues

Local da entrevista: Sala dos professores do prédio da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

Data: 10 de março de 2018

Horário: Às nove horas

Técnico de filmagem: Paulo André Jordão de Carvalho Pavão

Técnico de edição: Rafael Aparecido Eloi da Silva

Duração: 49 minutos

Número de vídeos: 4 vídeos (quatro)

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 17 páginas

Sinopse da entrevista

Para compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto nas capacitações do Clube de Memórias XXIX e XXX, Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, a ser finalizado com confecção e publicação do E-book 2, sob a coordenação de Maria Lúcia Mendes Carvalho, a participante Jurema Rodrigues, da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, de São José do Rio Preto, realizou a entrevista de história oral temática com a colaboradora, professora Chafic Balura, no dia dez de março de 2018, às nove horas, na sala dos professores do prédio da Instituição. O entrevistado professor Chafic Balura, ocupou a função de diretor da U.E. na época em que era denominado Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, é parte fundamental deste estudo, uma vez que o colaborador foi locutor das relações interpessoais entre a equipe escolar e a câmara do município, departamento de ensino técnico, e a secretária da educação do Estado de São Paulo. O colaborador Chafic Balura representou e corroborou com a Instituição na exposição das reivindicações da comunidade escolar quanto à necessidade de aquisição de terreno e construção do prédio próprio. Além disso, na busca da comunidade escolar em resoluções educacionais em prol do ensino técnico, o colaborador foi mediador através da mídia do município, pois as matérias jornalísticas publicadas nos meios de comunicação favoreceram a equipe escolar na concretização de suas metas escolares. Após o cumprimento das etapas de filmagem, edição, transcrição e a transcrição da entrevista propostas pelo projeto História oral na Educação: Memórias do Trabalho docente finalizam-se, dessa forma, o estudo com a publicação do registro historiográfico no E-book do Centro Paula Souza, com isso, justifica-se por expandir o acervo historiográfico do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto. Dessa forma, espera-se contribuir com estudos e pesquisas em memórias e história da educação profissional do Centro Paula Souza.

A entrevista com o professor Chafic Balura, foi realizada no dia 10 de março de 2018 e dezoito, às nove horas, na sala dos professores da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Nascido em seis de dezembro de 1940. Filho de Said Chaim Balura e Sálua Balura Brasileiro. Casado com Márcia Ayruth Balura, com quem teve os filhos André Ayruth Balura e Marisa Ayruth Balura. Atualmente, Coordenador de Educação do Município de Nova Aliança, Estado de São Paulo.



Jurema Rodrigues e Chafic Balura em 10 de março de 2018

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 10 de maio de 2018

Data da transcrição da entrevista: 11 de junho de 2018

Nome do transcritora: Jurema Rodrigues

Tom Vital

“Quero destacar aqui, que eu não poderia deixar de destacar, se o Colégio Técnico é esse Colégio hoje, é claro que tivemos uma série de pessoas que contribuíram até hoje, mas o valor, a semente, é o professor Clóvis Sanfelice, a pessoa que, realmente, lutou e batalhou por essa escola, e que se essa escola existe até hoje, sendo um orgulho para Região e Rio Preto, devemos ao professor Clóvis Sanfelice, porque ele nos colocou os problemas, e juntamente eu e ele inclusive tínhamos um professor chamado Caio Carvalho, renomado, que falava que éramos “Cosme e Damião”, Clóvis Sanfelice era diretor do Ginásio Industrial e eu diretor do Colégio Técnico, as duas escolas funcionavam no mesmo prédio, e nunca tivemos problemas, nunca tivemos atritos.”

(Balura)

JR: Entrevista com o professor Chafic Balura, na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, no dia 10 de março de 2018, às 9 horas. Bom dia professor Chafic Balura! Diretor no período de 15 de março de 1974 a 28 de fevereiro de 1976.

CB: Inicialmente, quero “professora Jurema”, agradecer a Deus pelo privilégio, pela oportunidade de estar aqui, e também pelo privilégio de ter passado, participado da história desta escola, que hoje é um exemplo para São José do Rio Preto, e fico muito feliz com isso.

CB: Quero dizer que iniciamos o nosso trabalho aqui em 1974, mas antes disso, fiz o nosso curso profissional, estudei, fiz o ginásio, depois o colégio e depois tive o privilégio de fazer a Faculdade de Filosofia em 1970 em São José do Rio Preto e, concomitantemente, o curso que fazia na faculdade, o curso de pedagogia. Tive o privilégio de lecionar e, como naquela época, havia a dificuldade muito grande de falta de professores, então, os alunos da faculdade já atuavam no ensino secundário normal, certo?... Então, iniciei a minha carreira oficialmente no Ginásio Estadual de Nova Aliança, e lá tive o privilégio de trabalhar, lecionar e ser diretor da escola no mesmo período e, concomitantemente, lecionava aqui também em São José do Rio Preto, na Escola Estadual Monsenhor Gonçalves.

CB: Na sequência, tive o privilégio de prestar um concurso para a área de educação do Estado, sendo aprovado acabei escolhendo uma escola aqui próxima de Rio Preto, cidade de Monte Aprazível, e depois, na remoção, vim para São José do Rio Preto. Devido às mudanças na legislação estadual, o meu cargo de educação, passou, na escola em que eu estava, passou a ser um cargo vago. Certo, então eu cumpria meu horário na escola sem trabalhar na área da educação, prestava outros serviços, completava minha carga horária com outra disciplina que não era da área da educação. Devido a minha amizade com o professor Clóvis Sanfelice, nós nos encontrávamos sempre, então, ele me sugeriu: - Olha, foi criado um Colégio Técnico, o nosso diretor, o senhor Olavo Fonseca, se removeu, e lá no Colégio, estamos sem direção. Eu sou diretor do Ginásio Industrial Philadelpho Gouvêa Netto, mas “tô” dirigindo também o Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, concomitantemente. - Por que você - se você quiser dar uma estudada - nós vamos propor para o Senhor Ídio Zucchi, “na época era o nosso inspetor da décima primeira IREP”, para propor a sua nomeação para cargo de diretor do Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto. Aí o Clóvis, entrou em entendimento com o Delegado do Ensino Profissional, que era o seu Ídio Zucchi, e nós preparamos a documentação, e no dia quinze de março saiu a minha nomeação e iniciamos o trabalho no Colégio Técnico. Bom, o Colégio Técnico já funcionava onde é o Ambulatório do HB (Hospital de Base), na Avenida Faria Lima, 5544, Vila São José.

Funcionava ao mesmo tempo, no mesmo prédio, o Ginásio Industrial e o Colégio Técnico. O Colégio Técnico tinha um número pequeno de alunos. Se você pegasse um táxi, em qualquer local da cidade, e perguntasse: - Me leve no Colégio Técnico? Eles não sabiam, porque o Colégio Técnico era completamente desconhecido para comunidade, certo? Porque, “como eu disse para você”, na época o curso do ensino profissional era para os pobres. Filho de rico ia estudar no curso Ginásial Estadual comum, porque era um orgulho para os pais dizer que: “meu filho concluiu o ginásio”. Tinha festa, tinha baile, porque era uma grande comemoração. Para o filho do pobre, o filho do pobre tinha que estudar onde tinha jeito, que era no curso Ginásio Industrial. Lá aprendia a ser marceneiro, eletricista e uma série de outras atividades, como economia doméstica, costureira. Então, chegando ao Colégio Técnico, eu e o professor Clóvis falamos: - A primeira coisa que vamos fazer é tornar o Colégio Técnico conhecido na comunidade. E começou o nosso trabalho, nos envolvemos, envolvemos todo o corpo docente e administrativo, como nós tínhamos um projetor de slides, preparamos vários slides sobre o Colégio e o Ginásio. Durante o ano, “veja você”, durante o ano, eu o professor Clóvis, juntamente com os professores, íamos de escola em escola da rede estadual, informando aos alunos o que era o Colégio Técnico e o objetivo do Colégio Técnico. Quando o aluno saía do Colégio Técnico Industrial, já saía praticamente com uma profissão, enquanto no curso do Colegial Estadual Comum, saía apenas com o ensino normal, não iria seria um profissional para trabalhar. Fizemos esse trabalho durante o ano, tivemos o apoio muito grande da imprensa, em especial o chefe de gabinete da época, que era o Doutor José Barba Cury, irmão da nossa secretária a Tãmem Cury. Como Barba Cury era ligado à imprensa, e também chefe de gabinete do prefeito municipal da época, que era o Doutor Wilson Romano Calil, então deu uma cobertura, uma abertura muito grande para nós e começamos a divulgar o Colégio, falar do Colégio, mostrar e falar o que era o Colégio Técnico Industrial. E a Câmara municipal, imediatamente, “você pode verificar no requerimento 1/75 do Doutor Rubens Bonvino, que era vereador”. O Doutor Rubens Bonvino procurou conscientizar a Câmara Municipal, através da nossa pessoa, para que os vereadores se sensibilizassem quanto à importância do Colégio Técnico na cidade, certo? Agora, politicamente.

CB: Ah! Nós tínhamos políticos que não eram, quer dizer, não eram contra o Colégio Técnico, mas eram assim, eram mais pela construção de escolas da rede estadual, ginásios, de colégios, mas não eram a favor..., muito, não se empenhavam para que tivéssemos um prédio próprio para o Colégio Técnico, este que nós temos hoje. O

que fizemos, levamos o Doutor Wilson Romano Calil para conhecer a escola. Eu me lembro como se fosse hoje, ele chegou às oito horas e seus dois assessores disseram: - Oh! Olha, o Doutor Wilson tem um encontro marcado daqui a pouco, ele só vai entrar e conhecer o Colégio Técnico e vai embora, ele tem horário. Mas tínhamos feito uma exposição de tudo que tínhamos no Colégio Técnico, já aguardando o prefeito. Ele chegou às oito horas e foi, saiu juntamente conosco, era quase meia noite. Ficou empolgado com a escola, sabe, com os equipamentos que já tínhamos. Devido ao movimento que havíamos feito na comunidade, lutando para que pudesse ter um prédio próprio, nessa visita que o prefeito Doutor Wilson Romano Calil fez, imediatamente mandou uma mensagem para a Câmara doando o terreno para o Colégio Técnico, “neste terreno aqui, neste prédio”.

CB: Agora, queria observar o seguinte: nós já tínhamos o terreno, que é o terreno onde, hoje, está a Secretária da Fazenda, ali na Avenida Brigadeiro Faria Lima, logo ao lado de onde era o da escola, o Colégio Técnico. Mas olha a preocupação nossa, ao nosso entender, o Colégio ia funcionar ao lado de uma avenida movimentada, então a nossa preocupação era com os alunos, precisávamos de um lugar tranquilo, mais adequado, onde nossos alunos pudessem transitar normalmente. Então, convidamos o Diretor do Departamento do Ensino Técnico, porque o prefeito falou: - Chama o Diretor do Departamento de São José do Rio Preto para que ele venha escolher o terreno junto com vocês para que eu possa fazer a doação. Ele veio e escolheu aqui, da Avenida dos Estudantes. “Não me lembro do nome dele, tenho aqui anotado”. Veio e escolheu, imediatamente, o presidente da Câmara, Doutor Olavo Talfic, uma pessoa maravilhosa, e o Dr. Rubens Bonvino, assessor jurídico de Clemente Pessarini, o José Barba Cury, certo, imediatamente o prefeito aprovou o terreno. Já tínhamos o terreno, “como você pode ver no nosso jornalzinho, jornal do Colégio Técnico: o Canguru”, a mensagem foi para Câmara e foi feito a doação do terreno, mas precisávamos da construção do prédio.

CB: Naquela época, os prédios escolares eram construídos de acordo com a força política do município, então, o Dr. Wilson Romano Calil tinha, assim, uma amizade muito boa com o governador, o Doutor Paulo Egydio Martins, mas em contrapartida, tínhamos um deputado estadual, A... V... que dificultava, que apoiava mais o ensino do curso secundário e normal do que o curso do ensino técnico, porque na verdade o político, me perdoe o professor Sr. A..., um colega nosso de faculdade, me perdoe, mas o político quer voto, e no ensino técnico não tinha voto, aqui era uma “escolinha”

na época. Começamos a lutar para conseguir a construção do prédio, foi feito um processo para conseguir a verba para a construção do prédio. E virava e mexia, a gente ia para São Paulo e o projeto não andava, está entendendo? E a nossa esperança era o Dr. Wilson Romano Calil. Mas houve uma reformulação na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e o professor Celso Volpe passou a ser o coordenador da educação, e depois o secretário era ele, o A.V., mas dada uma destinação de verbas, eu sei que se conseguiu a verba para a construção do prédio do Colégio Técnico Industrial.

CB: Gostaria de colocar um detalhe que acho interessante: tínhamos apenas, me parecem três classes, s, no prédio antigo não tínhamos condições de atender mais de três classes, vagas, havia um exame de seleção para entrar no colégio, em todos os colégios, e quando foi feita a inscrição para os exames de seleção, devido ao nosso movimento que havíamos feito, tivemos mais de quinhentos alunos inscritos. Foi a maior inscrição da cidade, todo mundo quis estudar no Colégio Técnico. Chegamos no Dr. Wilson, e falamos “Dr. Wilson, a situação é o seguinte”. Ele tinha acesso..., o Doutor Wilson é um grande amigo nosso, até hoje, tenho uma grande consideração por ele, uma pessoa maravilhosa, além de tudo - até me arrepia - ele é verdadeiro médico, de verdade, além de ter sido grande prefeito da cidade, ele com uma sensibilidade muito grande, inteligente. Bom, chegamos para ele e falamos: - Nós só temos condição de atender três classes e temos quinhentos inscritos. Dr. Wilson passou a mão no telefone e ligou para a Secretaria da Educação para atender todos os nossos alunos inscritos. Eu falei: - Doutor Wilson, nós não temos verba.

CB: Ah! Não, ele mandou um engenheiro no prédio em que hoje funciona o ambulatório do H.B. (Hospital de Base), na Avenida Brigadeiro Faria Lima. Um prédio muito grande. O engenheiro dividiu em classes, certo? Fizemos até um miniauditório. O prefeito Dr. Wilson mandou uma verba de trinta milhões, na época, e assumiu um compromisso com a Secretaria da Educação da seguinte forma: - Eu dou as condições e vocês dão o mobiliário e os equipamentos. A Secretaria da Educação topou. De um ano para o outro, a escola que tinha antes cento e poucos alunos passou a ter quase quinhentos e poucos, como você pode ver na história da escola, certo? Agora, e o corpo docente? Onde é que íamos buscar profissionais? Liguei para Mococa, por isso que tivemos professor de Mococa, da parte de eletrotécnica, tivemos professor da Telesp, engenheiros, porque professor da equipe da área geral nós tínhamos muito aqui em Rio Preto, mas da parte técnica nós tínhamos pouco, tivemos

que recorrer à Telesp, à Força e Luz, a engenheiros, professores habilitados, para dar aquele “Tchan”, para dar continuidade ao trabalho do Ensino Técnico que vínhamos fazendo. Realmente, exatamente, na época, precisava de mais salas como consta nos artigos dos jornais de Rio Preto e Região, foi nesse sentido que o Dr. Wilson Romano Calil resolveu dessa forma.

CB: Eu mantinha um relacionamento muito grande com a imprensa, devido às amizades que nós tínhamos com a Folha de Rio Preto, com o Diário da Região, o Correio Araraquarense, todos os jornais da cidade, e as emissoras de rádio, pois vivíamos dando entrevistas e informações, e escrevíamos artigos, dávamos informações sobre o Colégio Técnico Industrial, tudo que fazia dentro da escola, nós tínhamos um relacionamento muito próximo com a mídia. A mídia participava de tudo que ocorria na escola, sobre os eventos, as necessidades, os objetivos da cidade, festas, tudo que ocorria, tudo, tudo, tudo nós passávamos para a imprensa de Rio Preto e Região, exatamente.

CB: Quando assumi o Colégio Técnico que possuíamos mais alunos da região do que de Rio Preto, porque Rio Preto não conhecia o Colégio Técnico, conhecia o Ginásio Industrial. Agora, quero destacar aqui, que eu não poderia deixar de destacar, se o Colégio Técnico é esse Colégio hoje, é claro que tivemos uma série de pessoas que contribuíram até hoje, mas o valor, a semente, é o professor Clóvis Sanfelice, a pessoa que, realmente, lutou e batalhou por essa escola, e que se essa escola existe até hoje, sendo um orgulho para Região e Rio Preto, devemos ao professor Clóvis Sanfelice, porque ele nos colocou os problemas, e juntamente eu e ele inclusive tínhamos um professor chamado Caio Carvalho, renomado, que falava que éramos “Cosme e Damião”, Clóvis Sanfelice era diretor do Ginásio Industrial e eu diretor do Colégio Técnico, as duas escolas funcionavam no mesmo prédio, e nunca tivemos problemas, nunca tivemos atritos. Aqui existe uma equipe técnica e uma equipe geral, e como sempre têm os “clicks”, na época, a gente sentava de forma entrosada, de forma profissional e não pessoal, e acabava a discussão e o barulho. Não tinha aqueles problemas de virar a “cara um para outro”, podia ficar nervoso, isso não existia, na verdade tínhamos esse problema, mas era tudo resolvido de forma profissional. Tivemos apoio da prefeitura, da câmara, da imprensa, da cidade, que compreenderam o objetivo da Instituição, no Colégio Técnico, o aluno saindo do Colégio, já tinha emprego garantido, e isso foi demonstrado na prática para a população, porque já tínhamos alunos saindo com salários razoáveis, como

estagiários. O prédio foi consolidado a verba para construção, e quando o prédio estava praticamente subindo seus alicerces, saindo dos seus alicerces, no final de 1975, tivemos, eu e o Clóvis Sanfelice, que fechar a escola devido à Lei da Rede Física, e com a unificação das escolas, permaneceu apenas o Colégio Técnico que passou a denominar Centro Estadual Interescolar Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto”, pois recebeu o patronímico do antigo Ginásio Industrial.

CB: Com a nossa saída, o Centro Estadual Interescolar Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto” precisava de diretor e como tínhamos muita amizade com o professor Armando Francisco Poles, e ele tinha, assim, trabalhado, uma passagem pelo SENAI, “Já pensou se uma escola dessas caísse na mão de um diretor de ensino primário?” Nós falamos com o professor Armando Francisco Poles, como ele era o primeiro da lista, da classificação dos efetivos, ele veio e escolheu, passou a ser o diretor efetivo. Na inauguração do prédio quem estava na gestão da direção era o professor Armando Francisco Poles, e como o prédio foi concluído durante a administração do Dr. Romano Calil, mas o governo por problemas políticos da época seguiu a inauguração. A escola mudou para o prédio próprio em janeiro, só que foi inaugurada em agosto, em seis de agosto de 1977. Seguiu a inauguração porque o prefeito eleito, na época, era o professor Adair Vetorazzo, não era mais o Dr. Wilson Romano Calil, politicamente o Dr. Wilson Romano Calil era de uma ala política e o professor Adair Vetorazzo era de outra. O Dr. Romano Calil não participou da inauguração, mas merece todas as homenagens dessa escola, porque ele realmente batalhou para que essa escola fosse construída, e também o professor Celso Volpe.

CB: Sobre o funcionamento do Departamento do Ensino Técnico e da Lei 5524 “como você perguntou”, a lei dispunha sobre o funcionamento da Unidade, as mudanças que deveria existir, o pessoal do ensino técnico, pois tínhamos mais de cinquenta escolas do Ensino Técnico no Estado de São Paulo. O governador na época era o Laudo Natel, e enquanto o Laudo Natel estava no governo, essa estrutura que havia no Ensino Técnico do Estado foi mantida, depois entrou o Dr. Paulo Egydio Martins que continuou a luta para a manutenção da estrutura das escolas técnicas estaduais. Mas, a força política do outro lado, do ensino secundário foi muito mais forte. E devido à Lei 5692/71, houve uma unificação das escolas, mas enquanto a escola fosse técnica, o departamento existiu, o Departamento do Ensino Técnico existiu, foi mantido. Com a unificação, todas as escolas estaduais foram dirigidas pela mesma, da Secretaria da Educação, mas depois acabou e tínhamos subordinação que era da linha direta

com a Coordenadoria de Ensino Técnico, Departamento do Ensino Técnico e Delegacia do Ensino Profissional. Nós tínhamos uma delegacia aqui, que era a décima primeira. A nossa subordinação era junto à Décima Primeira e não a Diretoria de Ensino. Com a caída das Delegacias de Ensino Profissional, todas as escolas passaram a pertencer à Diretoria de Ensino, na época, me desculpe à franqueza, não tinha experiência nenhuma com o Ensino Técnico. Muitas escolas do ensino técnico deixaram de serem escolas como essa nossa aqui, porque tiveram a infelicidade de receber diretores, que vieram, escolheram a escola, mas eram diretores de ensino primário, eram efetivos, sem experiência com o ensino técnico.

CB: Com todas essas mudanças de secretarias, a manutenção da qualidade do ensino técnico de nossa escola é um mérito do corpo docente, da direção, na época era o professor Armando Francisco Poles. O Professor Armando inclusive na época convidou o professor Clóvis Sanfelice para ser o vice-diretor, e ele foi o vice-diretor aqui depois, para manter a escola no ritmo que vinha, e conscientizando a Diretoria de Ensino sobre o funcionamento da Unidade. Havia um ciúme naquela época porque o Ensino Técnico recebia uma verba “legal”, vê pelos equipamentos que temos aqui hoje, naquela época, o ensino técnico tinha verbas e aplicava bem as verbas para atender a comunidade e o ensino profissional, o que não acontecia com o Ensino Secundário e Normal, pois comecei no secundário normal, fazíamos festa para comprar até papel sulfite para secretaria, cadeira para escola, fazíamos quermesse, fazíamos baile, fazíamos rifa, “está entendendo”? Enquanto o Ensino Técnico tinha verbas suficientes, e, assim formava uma guerrinha que não devia existir. Hoje percebo que a comunidade realmente, o pessoal briga com a imprensa, mas a imprensa precisa mostrar mesmo realmente aquilo que é a realidade brasileira para que as pessoas tomem vergonha na “cara”. O dirigente principalmente, porque é difícil você vê uma escola numa situação difícil, professor tendo uma vida deprimente, então como você vai educar? Está entendendo?

CB: Depois da Rede Física de 1975, quando sai do Colégio Técnico Industrial em fevereiro de 1976, sempre acompanhei a escola, a Etec Philadelpho. Gouvêa Netto. O pessoal principalmente da equipe técnica permaneceram, porque não podiam ser dispensados, porque não tinha quem para colocar no lugar; e os que vieram se somaram, e as coisas vão fluindo, se mantendo como o padrão da escola, até que houve essa luz, de colocar as escolas técnicas no Centro Paula Souza, era nosso sonho que essa escola pertencesse a atual secretaria que é hoje. Queríamos que a

escola fosse vinculada a FATEC, mas não conseguimos, na época, porque o nosso sonho era fazer com que o Colégio Técnico fosse vinculado a FATEC, e hoje é. “Você vê”, hoje é, porque muitos dos alunos saem daqui e já vão para FATEC, na sequência, era o nosso sonho.

CB: Só tenho que agradecer a Deus por esse privilégio de estar aqui hoje, e de ter contribuindo, participado com meu trabalho nessa escola, porque é muito importante para todos nós, educação, o conhecimento é muito importante na vida das pessoas. Hoje “você vê”, os países mais adiantados, estão na ponta da tabela, porque são países que aplicam e se dedicam mais a educação. Infelizmente no nosso país, o dinheiro da educação, o dinheiro existe de monte, mas ele é muito mal aplicado, politicamente é muito mal aplicado, e o “elemento humano” é importante demais, ter máquinas, computadores, ter tudo, mas nós precisamos ter o elemento humano que é o professor, o que dá o “pontapé” inicial de tudo, porque sem o professor nós não teremos ninguém e, infelizmente, o professor é renegado a último plano da escala. O professor hoje é um pecado que está se cometendo no país e a gente vê escola que nem lousa tem, o salário do professor é miserável. O profissional que se dedicou a vida inteira para educação não tem dinheiro para comprar remédio, porque está doente, porque o salário dele é miserável, então não se aplica em educação como se deveria aplicar.

CB: Quero dizer também que sai de família simples, humilde, e tive o privilégio de estudar no Colégio São Luís, que hoje é a Faculdade de Direito e conclui meu colegial, ensino secundário e normal, na Escola Estadual Monsenhor Gonçalves, e graças à existência da Faculdade de Filosofia de Rio Preto, como de família simples, tinha que fazer Faculdade de Filosofia. Tive o privilégio de ser professor, lecionei em escolas do ginásio, colégio, ensino normal, fui vice-diretor de escola, fui diretor de escola, me aposentei como diretor de escola, mas tive privilégio como diretor de escola, de participar da Divisão Regional de Ensino, outra estrutura que o governo acabou, que não deveria, falavam que eram “cabide de emprego”, mas tecnicamente era muito boa, dava uma segurança muito grande para a Diretoria de Ensino, e lá o professor Clóvis Sanfelice foi convidado para ser Diretor Regional de Ensino em São José do Rio Preto, e fui juntamente com ele, com o Armando Francisco Poles, com o Gilberto Marques da Costa que foi diretor substituto e professor daqui, também o professor da área técnica Nilton Silva, que também saiu daqui do colégio, lecionou aqui. Depois de participar da Divisão Regional de Ensino, tive o privilégio, de ser convidado para ser

o Secretário Municipal da Educação por dois anos e Secretário Municipal da Cultura de São José do Rio Preto por quatro. Sempre procurei dar todo o apoio à educação, à melhoria salarial, inclusive, tive participação aqui na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, pedindo ao prefeito para que doasse, fizesse a doação para o curso de prótese, quando o curso criado o curso de prótese, porque aprovação do curso dependia do laboratório, precisava de um laboratório, e conseguimos a doação através da prefeitura municipal, para poder funcionar o Curso Técnico em Prótese, nessa época eu estava na Secretaria da Educação Municipal. Apesar de não estarmos aqui todo tempo, sempre acompanhei o desenvolvimento da escola e a tenho uma estimativa muito grande com as pessoas que permaneceram aqui. Depois de Secretário da Educação, eu, ao mesmo tempo, era membro da Diretoria da APAE de São José do Rio Preto, 1º Secretário da Diretoria da APAE de São José do Rio Preto, e com essas participações, no ano de 2001, fui Presidente da APAE, fiquei até o ano de 2004 e depois voltei no ano de 2010 a 2016, quando deixei a APAE. Mas ao mesmo tempo, quando me aposentei como diretor de escola, assumi a Secretaria Municipal da Educação de Nova Aliança, na Secretaria Municipal de Nova Aliança fiquei por doze anos. Tive participação na Secretaria Educação de Bady Bassit e em todas as instituições sempre atuante e área da educação. À pedido do presidente da APAE, eu estou fazendo um trabalho voluntário na TV Rio Preto, no canal 7 (sete), e colaborando com o desenvolvimento com o desenvolvimento da emissora.

CB: Quanto à minha família, meus pais: Said Chaim Balura e Sálua Balura vieram do Líbano, se casaram em Uchoa. Somos cinco irmãos, apenas meu irmão mais velho faleceu, faz trinta e três anos, todos os meus irmãos são da área da educação, a minha irmã Semira Balura, professora de português, lecionou em várias escolas da cidade; a outra minha irmã Sada Balura Pereira, professora de matemática, e meu irmão Fausi Balura, o casula, e o meu irmão mais velho que faleceu, Jorge Balura. Todos atuaram e se aposentaram na área da educação. Tenho dois filhos, sou casado, com a Márcia Ayruth Balura, ela veio de Nova Aliança, a conheci em Nova Aliança, quando eu lecionava lá, tivemos dois filhos, o André Ayruth Balura e a minha filha Marisa Ayruth Balura, hoje ela é casada, tenho um neto com ela, e um neto com o meu filho André, o Victor Hugo com treze anos e o Rafael com sete anos, Graças a Deus.

CB: O Ensino Técnico é fundamental, é importante, porque hoje na sociedade, precisamos de todas as profissões e o ensino técnico é importante nessa área, dentro

da vida humana. Só que o Brasil descobriu o Ensino Técnico muito tarde. No Estado de São Paulo teríamos que ter muito mais avanço, não tivemos graças às gerências políticas, os profissionais são muito parados, não se ouve, não se escuta, diálogo, estamos vendo um dos maiores absurdos, secretário da educação não são educadores, o ministro da saúde muitas vezes não é nem médico, vemos esse absurdo, porque na verdade se você não vive o problema, você não sabe, precisa ter vivência para saber, se você pegar um professor técnico ele dirige muito bem a escola, porque ele conhece os problemas da escola, mas se você pegar um diretor habilitado, tá, tá, tá, tá, mas que nunca viveu aqui no ensino técnico, não vai ter sucesso, a não ser que ele seja um gênio, porque precisa ter vivência. Então, batalho muito na teoria e na prática, e por isso que disse, no início, que o currículo da escola aqui é um currículo muito bom, porque mistura a parte técnica com a parte geral.

CB: Agradeço, porque na verdade, quero até cumprimentar a professora Jurema Rodrigues e a escola, a direção da escola por esse trabalho de Memória, porque na verdade São José do Rio Preto não tem memória, infelizmente não tem memória, pessoas que tiveram grande participação no desenvolvimento social, político e educacional da cidade, de Rio Preto, não são, hoje, nem são conhecidas, não se sabe nada a respeito dela, por isso quero cumprimentar você.

Descritores

Educação Profissional

Gestão Escolar

Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto

Departamento do Ensino Técnico

Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto

Câmara do Municipal de São José do Rio Preto

ornais e emissoras do município e região de São José do Rio Preto

Docentes da área técnica

Docentes da área comum

Construção do prédio escolar

Governo do Paulo Egydio Martins

Expansão de cursos Cursos Técnicos Profissionalizantes

Dados Biográficos do Entrevistado



Chafic Balura é Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, atual IBILCE, Campus da UNESP (1965). Curso de Especialização: Didática Geral, realizado na UNAERP, Ribeirão Preto, 360 horas, (1973). Em Educação: Orientação Educacional, realizado na UNAERP, Ribeirão Preto, 360 horas, (1974). Diretor do Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto, atual Etec Philadelpho Gouvêa Netto, período de 03/1974 a 02/1976, quando recebeu homenagem conforme Requerimento 01/75, voto de aplauso da Câmara Municipal de São José do Rio Preto pela exímia gestão (1975). Assistente de Diretor de Escola no Colégio Estadual “Prof. Antônio Teixeira Marques” na EEPG. “Cenobelino de Barro Serra” – São José do Rio Preto (1972). Assistente de Diretor de Escola na EEPG. “Prof. Oscar Salgado Bueno” em São José do Rio Preto, (16/01/1977 a 16/03/1981). Diretor de Escola da EEPG. “Prof. Francisco Purita”, Distrito de Ipiquá de São José do Rio Preto, (26/01/1982 a 04/1983). Assistente Técnico de Supervisão Pedagógica na Área de Ensino da DRE de São José do Rio Preto, de 1983 a 1988. Secretário de Educação de São José do Rio Preto (01/1989 a 12/1992). Secretário Municipal de Cultura de São José do Rio Preto, (01/1989 a 01/1991). Diretor da EEPG. “Prof. Halim Atique”, em São José do Rio Preto, (01/1993 a 10/1995). Diretor da EE. “Prof.^a. Ivete Gabriel Atique” em São José do Rio Preto, (10/1995 a 05/2002). Coordenador de Educação do Município de Nova Aliança (08/1999 a 05/2009). Publicações: “A Educação e o Problema dos Recursos Humanos” – Revistas Humanas – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, nº 2 (1976). Colaborador do Jornal “A Folha de Rio Preto”, (1976 a 1980). “Filhos, Trabalho, Escola: Temática da Inquietação” – Revista Aqui, Agora nº

29 – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (1981). Conferência Intermunicipal de Educação - CONAE 2010-pólo de São José do Rio Preto, de 16 e 17/07/2009. Secretário Municipal de Educação do Município de Nova Aliança, (06/2009 a 12/2010). Eleito Presidente da APAE de São José do Rio Preto, Triênio 2011 a 2013 e reeleito (11/2015 a 12/2016). Atualmente, Coordenador de Educação do Município de Nova Aliança, Estado de São Paulo.

Dados Biográficos da entrevistadora



Jurema Rodrigues é Licenciada em Letras – FARFI/SJRP - (1984). Licenciada em Pedagogia – Associação Cultural de Barretos (1990). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela USP/CENP (1991). Treinamento em Língua Portuguesa – UNESP (1993). Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa – UNESP/IBILCE (2005 a 2007). Especialização em Educação Básica - ISEB (2010) e Especialização em Educação Especial Inclusiva - ISEB (2011). Especialização em Língua Portuguesa – UNICAMP (2011). Professora do Estado de São Paulo (1986 a 2011). Coordenadora Geral do CEFAM (1996 a 1997). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1996 a 2018). Participa do GEPEMHEP do Centro Paula Souza desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2013 a 2018) e autora da historiografia publicada no link Centro de Memória, do site www.philadelpho.com.br. Artigos apresentados no Centro Paula Souza: Metalografia - Base Conceitual de Colpaert como Referência Teórica e Prática no Curso de Mecânica (2013), Coleção de Arnaldo Cecconi – Práticas Pedagógicas da Cultura Escolar do Curso De Mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2014), Arquitetura escolar e práticas escolares e pedagógicas da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto (2016),

Abordagem curricular nas narrativas de história oral como contribuição para o registro histórico das práticas e dos artefatos do Curso Técnico em Edificações (2017), Fotografias e Publicações Jornalísticas da Década de 70: Referência Histórica no Acervo do Centro De Memória Da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2018). Publicações de Livros: Apropriação de espaços da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, Ed. Clube dos Autores (2016); Laboratório de Mecânica e Mecatrônica, Ed. Clube dos Autores (2016). Capítulo intitulado História oral com o professor Clóvis Sanfelice, do livro digital História Oral na Educação: memórias e identidades – SP: Centro Paula Souza (2014). Capítulos publicados nos livros do Centro Paula Souza: Metalografia - Base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática nos cursos de mecânica e mecatrônica (2015). Coleção de Arnaldo Cecconi: práticas pedagógicas da cultura escolar do curso de mecânica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (2017).

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem